

# Um mistério quase indecifrável

## Retratos de Família: leitura da fotografia histórica.

LEITE, Miriam Moreira.

São Paulo: EDUSP, 1993.

Resultado de uma trajetória de 10 anos de pesquisas sem ponto final, reunindo artigos, em sua maioria publicados anteriormente, o livro de Miriam Moreira Leite aponta um caminho a ser explorado repleto de interrogações e de questões a decifrar.

Indica um método de olhar e pensar a realidade social através da imagem, para quem se dispõe a ver, naquilo que é tão familiar - a fotografia - o que não é revelado de imediato. A fotografia é pensada enquanto possibilidade de uma outra dimensão de análise, onde o que conta são os movimentos que se escondem por trás de sua imagem estática, seu conteúdo manifesto e latente, o dito e o não-dito, a polissemia da imagem. A fotografia não se reduz, segundo a autora, a um recurso secundário, mera ilustração ou demonstração da análise verbal, complementar ao texto, mas constitui um **texto em si**.

O trabalho de Miriam M. Leite inclui-se numa "tendência historiográfica de revisão das fontes documentais" (p. 81), analisando as contribuições da imagem como documentação histórica. A família é o tema através do qual estuda a fotografia como instrumento e objeto de pesquisa. Não pretende explicar a família através da fotografia, mas explorar o que a fotografia, com seus limites e potencialidades, pode nos dizer sobre a família. Assim, os "retratos representam exclusivamente o processo integrador do grupo familiar, deixando de revelar o processo conflituoso que intercala ou cercela essa integração" (p. 105). Busca-se o que a foto revela e o que esconde. Perseguem-se os lances e as associações que podem ser desencadeadas pelo fio puxado pelo retrato.

O eixo da reflexão gira em torno de uma coleção de retratos de famílias de imigrantes, de diferentes origens e religiões, que vieram para São Paulo entre 1890 e 1930. As palavras, através de entrevistas e depoimentos dos retratados ou de seus descendentes, complementam o que as imagens dizem, sem, no entanto, subordinar a imagem à palavra.

Como qualquer fonte de documentação histórica, a fotografia tem feições incompletas. A autora, sem ilusões quanto aos limites da fotografia, deixa-se levar e encantar por suas potencialidades. Introduce o leitor no universo do que a imagem diz e do que se pode ouvir se a ela estivermos atentos. Isto requer, no entanto, um método de pesquisa, que é do que trata o livro.

O problema da imagem como objeto de reflexão é cercado por vários lados, através de uma revisão de suas abordagens pelas ciências humanas, particularmente da especificidade da fotografia em termos de sua produção e recepção.

A autora critica o "realismo fotográfico" que, ao negar e omitir as mediações, padece da ilusão de que a fotografia dá acesso direto à realidade. A leitura da fotografia requer um olhar seletivo, impossível que é de ser feita por um processo unilinear. Exige que se caminhe em quatro direções. "do observador para a imagem, da imagem para o observador, de uma imagem para outra e dos retratados para o observador" (p. 155).

Discute-se **o que** é fotografado, **como** se fotografa e o que se **apreende** da fotografia. Enfrentam-se controvérsias: as imagens comunicam-se por si só? Ou aguardam um leitor que as decifre? Necessitam da palavra para se exprimir?

A imagem é uma forma de comunicação, a princípio, muda, mas que, segundo sua análise, não dispensa as palavras. Na tentativa de compreensão do que a imagem revela, a expressão verbal não deixa de ser necessária. É importante conjugar a imagem com o contexto de sua produção, sendo necessário algum conhecimento prévio da "realidade que a imagem representa, simboliza ou indica para não se ficar desorientado com seus elementos constitutivos" (p. 158).

A leitura da mensagem visual envolve, então, uma compreensão global e uma análise dos detalhes. O texto fotográfico isolado é "um mistério quase indecifrável" (p. 179). A autora fala da quase impossibilidade da leitura da imagem por quem desconhece pessoas, locais ou temas tratados. É um recurso que requer outros recursos. Necessita interpretação, porque interessa na fotografia não apenas o que se mostra, mas o que se vê.

Para ler a imagem fotográfica, é preciso compreender as mediações entre a fotografia e o olhar: "não olhamos apenas para uma foto, sempre olhamos para a relação entre nós e ela" (p. 145). É necessário ter em conta a complexidade da imagem, que envolve as operações da mente humana e a realidade exterior. O que se mostra não é igual ao que se vê. **Ver** é uma aprendizagem.

A analogia entre foto e memória está presente o tempo todo. Como na memória, as fotografias envolvem seqüências e associações. A autora não cristaliza o sentido da imagem fotográfica. Os retratos de família, tão associados à tradição, à idéia de passado (amarela-

dos...), transformam-se, sob seu olhar, numa fusão do passado com o futuro: memória e projeto. "Uma busca no que foi, do que será" (p. 86).

O livro de Miriam Moreira Leite, decodificando a imagem fotográfica, ensina uma maneira de olhar e ver. É leitura imprescindível não apenas para quem usa a fotografia como fonte de pesquisa, mas para quem quer compreender o que dizem, além do imediatamente dado, os retratos emoldurados e amplamente exibidos nos móveis e estantes da casa ou aqueles esquecidos em algum canto recôndito, mas presentes na profundidade dos afetos

CYNTHIA ANDERSEN SARTI ■

## Sexualidade democratizada

### Guia de Orientação Sexual: diretrizes e metodologia da pré-escola ao 2º grau.

Tradução e adaptação do grupo de pesquisa em Orientação Sexual da Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS.

São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

"Na verdade, cabe aos guias, sugerindo posições críticas e instigando a curiosidade dos leitores, desafiá-los a que corram risco. Sem o que não há criatividade. É exatamente isso o que se espera deste *Guia de Orientação Sexual*. Algo mais que isso ele fará, na medida mesma em que o trabalho sério de seus autores e autoras fez dele um texto aberto e não fechado. Um texto crítico e não ingênuo, um texto cheio de proeza e vazio, seco, absolutamente 'esturricado' de puritanismo."

Paulo Freire, São Paulo, janeiro de 1994

- 86% das pessoas são favoráveis à orientação sexual nas escolas;
- 32 % dos pais conversam sobre sexo com os filhos;
- 50% dos pais nunca falaram sobre sexo com seus filhos.

Pesquisa do Instituto Datafolha realizada em dez capitais brasileiras, divulgada em 27/06/93

A sexualidade é construída, basicamente, a partir das primeiras experiências afetivas do bebê com a mãe e com o pai ou com quem cuide dele. Seguem-se as relações com família, amigos e as influências do meio cultural. A capacidade da mãe tocar o filho, aconchegá-lo, acolhê-lo psicologicamente, será a base para o desenvolvimento da resposta erótica e da capacidade de construir vínculos amorosos e do desejo de aprender.

Apesar de os trabalhos desenvolvidos por Freud, ainda no início do século, constatarem a existência da sexualidade infantil, da curiosidade natural das crianças a respeito de sua origem e das dificuldades decorrentes quando elas não conseguem responder a essas questões, alguns preconceitos e tabus têm impedido os pais de conversarem com seus filhos e as escolas de informarem as crianças.

Sendo a sexualidade algo que se constrói e aprende, parte integrante do desenvolvimento da personalidade, capaz de interferir na alfabetização ao desempenho escolar, a escola não pode ignorar essa dimensão do ser humano e tem que investir na formação de professores para dar conta da tarefa.

A orientação sexual deve começar quando a criança entra na escola e se desenvolver ao longo de toda a seriação escolar. Na pré-escola e nas três primeiras séries do primeiro grau, não se estrutura com horários específicos, nem se constitui em uma matéria. Ela atende à demanda natural da criança e depende da capacidade de o professor perceber as manifestações da sexualidade infantil, para poder lidar adequadamente com elas